

Crescimento à vista e desafio ambiental

Em simpósio da Asbram, predominam expectativas otimistas sobre o futuro da pecuária, temperadas pela sua imagem de vilã do aquecimento global.

■ MARISTELA FRANCO

“O ano de 2010 será bom, em termos de demanda, mas ruim para a imagem da agropecuária, que está sendo transformada em vilã do aquecimento global. Todos os debates terão como tema o meio ambiente e o setor, especialmente a pecuária, receberá muitos ataques”.

É o que prevê o agrônomo Marcos Fava Neves, professor de marketing e estratégia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP/Ribeirão Preto, SP, e membro do PENSA-Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, da USP.

Ele foi um dos palestrantes no 6º Simpósio Nacional da Asbram-Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais, realizado em São Paulo, entre os dias 12 e 13 de novembro. O evento reuniu empresas de todo o País para debater sobre a situação da atividade pecuária nos próximos anos.

Fava Neves mostrou-se otimista quanto ao crescimento do agronegócio brasileiro, ao lembrar que acumula casos de sucesso. “De ridicularizado, desprezado, em 1995, passamos a ser o País mais respeitado na produção de alimentos. Na Universidade de Harvard, nos EUA, de cada 10 casos estudados nessa área, dois são de empresas brasileiras. Mas, infelizmente, nossa imagem é ruim. As notícias divulgadas na mídia associam setores do agronegócio a problemas graves: trabalho escravo na cana, desmatamento na pecuária e produção de álcool com poluição. “Será preciso encontrar respostas embasadas para reabilitar a imagem desses produtos”, diz ele.

EVOLUÇÃO DO CONSUMO - Em seu exercício prospectivo, Fava Neves construiu um “heptágono do consumo”. Primeiro, a população mundial continuará cres-



Na reunião da Asbram, manifestações de confiança na expansão da atividade nos próximos anos.

cendo e deverá chegar a 9 bilhões de pessoas em 2050. “A grande pergunta é se o planeta aguenta. Os maiores mercados consumidores não estarão no G7, mas nos Bric (Brasil, Rússia, Índia e China). Quanto à urbanização – outra ponta do heptágono do consumo – hoje são 18 megacidades, em 2050 serão 400. É uma avalanche, com impacto enorme sobre a demanda mundial de alimentos. Os chineses farão tudo de forma competitiva, mas não no agronegócio, no qual o Brasil é imbatível”, avalia Neves.

O crescimento na demanda deverá gerar alguns fenômenos interessantes, na opinião do professor da USP. Os sauditas pretendem investir US\$ 800 milhões na produção de alimentos em outros países. A Coreia do Sul já está fazendo o mesmo em Madagascar, “numa espécie de neocolonialismo”. Petróleo e programas sociais, como o Bolsa Família no Brasil – outras duas pontas do heptágono – também contribuirão para incrementar a demanda. “Enfim, o cavalo está passando arreado; é só montar. Fal-

ta apenas equacionar a questão do câmbio, que drena o lucro do exportador. Os cenários interno e externo são favoráveis, mas a lição de casa é grande”, diz Neves.

INCERTEZA NA PECUÁRIA - O futuro da pecuária brasileira é incerto, na avaliação de Sérgio De Zen, professor da Esalq e coordenador do Cepea. Ele chama atenção para o que considera um aspecto pouco discutido pelo setor: o Brasil detém o mais baixo custo de produção de carne, mas perde gradativamente competitividade para outros países produtores.

“Apesar disso”, observa De Zen, “a evolução do mercado de sementes indica que estão ocorrendo investimentos na pecuária. Trata-se de saber se a bovinocultura no Brasil é viável à custa de quê? Seremos cada vez mais cobrados quanto a isso. A sustentabilidade vai empurrar a pecuária para a intensificação. Hoje, o produtor utiliza poucos insumos porque ainda consegue ganhar dinheiro com a produção extensiva, mas isso deve acabar a longo prazo”, conclui. ■